

Ciranda de saberes e cuidados: Rabiscos sobre os Saberes Tradicionais nos cuidados com o corpo potente da Universidade

Samira Lima da Costa¹

Eliana Nunes Ribeiro²

Geraldo da Silva Bastos³

Margareth Alves Pontes⁴

Itamara Silva de Almeida Santos⁵

Janete Baptista do Nascimento⁶

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.57935>

Resumo: Este artigo apresenta as experiências e reflexões de integrantes do comitê organizador do encontro pluri-epistêmico "Ciranda de Saberes e Cuidados" promovido pelo Laboratório de Memórias, Territórios e Ocupações: rastros sensíveis, com a colaboração dos demais Grupos de Pesquisa ligados ao Programa EICOS, de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no ano de 2022. período pós pandêmico. Para tanto, o coletivo se posicionou geopoliticamente, assumindo uma Psicossociologia crítica latino-americana como diretriz. A compreensão referente à experiência da Ciranda e seu diálogo com o que temos estudado e produzido, junto com as mestras e os mestres, serão aqui apresentados em forma de *rabiscos aos do outro lado*, expressão que escolhemos para dialogar com quem nos lê.

¹ Samira Lima da Costa. Doutora em Psicossociologia de Comunidades; Professora Associada UFRJ/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: biasamira@medicina.uff.br
<http://orcid.org/0000-0003-4891-0436>

² Eliana Nunes Ribeiro. Doutora em Psicossociologia de Comunidades; pós-doutoranda, Programa EICOS, UFRJ. E-mail: lianrib@gmail.com - <http://orcid.org/0000-0002-1791-3530>

³ Geraldo da Silva Bastos. Mestre em Psicossociologia de Comunidades; doutorando, Programa EICOS/UFRJ. E-mail: geraldobastosvencedor@gmail.com - <http://orcid.org/0000-0002-9905-3385>

⁴ Margareth Alves Pontes. Mestre em Saúde Coletiva - Universidad Americana – PY; Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - Instituto de Psicologia da UFRJ. Email: margareth.nei.2018@gmail.com - <http://orcid.org/0000-0001-8778-9806>

⁵ Itamara Silva de Almeida Santos. Mestre em Psicossociologia EICOS/UFRJ; integrante do LabMems, programa EICOS/UFRJ. E-mail: Silvaitamara687@gmail.com - <https://orcid.org/0009-0006-3481-3183>

⁶ Janete Baptista do Nascimento. Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - EICOS-Instituto de Psicologia –UFRJ. Email. netinhabaptista@gmail.com - <http://orcid.org/0009-0005-9905-3405>

Recebido em 31/03/2023, aceito para publicação em 27/06/2023 e disponibilizado online em 01/09/2023.

Palavras-chave: Psicosociologia comunitária; Saberes tradicionais; Encontros Pluri-epistêmicos, Práticas de cuidado.

Ciranda de conocimientos y cuidados: Garabatos sobre el Conocimiento Tradicional al cuidado del poderoso cuerpo de la Universidad

Resumen: Este artículo presenta las experiencias y reflexiones de integrantes del comité organizador del encuentro pluri-epistémico "Ciranda de Saberes e Care" promovido por el Laboratorio de Memorias, Territorios y Ocupaciones: huellas sensibles, con la colaboración de los demás Grupos de Investigación vinculados a el Programa EICOS, de Psicología de las Comunidades y Ecología Social, del Instituto de Psicología de la Universidad Federal de Rio de Janeiro (UFRJ), en el año 2022. período pospandemia. Para ello, el colectivo se posicionó geopolíticamente, asumiendo como pauta una Psicología latinoamericana crítica. La comprensión sobre la experiencia de Ciranda y su diálogo con lo que hemos estudiado y producido, junto con los maestros, se presentará aquí en forma de garabatos para el otro lado, expresión que elegimos para dialogar con quienes nos leen. .

Palabras clave: Psicología Comunitaria; conocimiento tradicional; Encuentros pluri-epistémicos, Prácticas de cuidado.

Ciranda of knowledge and care: Scribbles on Traditional Knowledge in the care of the powerful body of the University

Abstract: This article presents the experiences and reflections of members of the organizing committee of the pluri-epistemic meeting "Ciranda de Saberes e Care" promoted by the Laboratory of Memories, Territories and Occupations: sensitive traces, with the collaboration of the other Research Groups linked to the EICOS Program, of Psychosociology of Communities and Social Ecology, from the Institute of Psychology of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), in the year 2022. post-pandemic period. To this end, the collective position edit self-geopolitically, assuming a critical Latin American Psychosociology as a guideline. The understanding regarding the Ciranda experience and its dialogue with what we have studied and produced, together with the masters, Will be presented here in the form of scribbles to those on the other side, an expression that we chose to dialogue with those Who read us.

Keywords: Community Psychosociology; Traditional knowledge; Pluri-epistemic encounters, Care practices.

Ciranda de saberes e cuidados: Rabiscos sobre os Saberes Tradicionais nos cuidados com o corpo potente da Universidade

Introdução

O presente artigo nasce do encontro de muitas pessoas e formas de pensar que, em algum momento, se colocaram em aprendizagem junto aos conhecimentos de comunidades tradicionais, e os tomaram como referência. Reunindo essas diferentes

experiências em encontros com comunidades e saberes tradicionais, a pesquisa Saberes e Ocupações Tradicionais - SOT, se tornou o *locus* de convergência, confluência e reflexões acerca de tais saberes. A pesquisa desenvolveu-se a partir de uma proposta de investigação de

caráter colaborativo interepistêmico, contando com a participação de muitas/os pesquisadoras/es, tanto acadêmicas/os quanto mestras e mestres do saber tradicional, e teve início a partir do Encontro de Saberes (Programa de Inserção de Mestres e Mestras do saber tradicional no Ensino Superior, proposto e coordenado pelo INCTI/UnB). O objetivo central do estudo foi identificar, a partir das muitas possibilidades de aproximação, os modos de existir comunitariamente, construir caminhos coletivos para o cuidado e sustentá-los entre as gerações.

Buscamos com isso dialogar e produzir conhecimentos e metodologias que possam apoiar a prática e as reflexões acerca dos processos de existência, produção de vida e cuidado também na universidade. O resultado da pesquisa aponta para um processo descentralizador do eu-individual e para a constituição de um saber comunitário - não apenas a comunidade que reúne pessoas, mas uma concepção mais ampla, que inclui pessoas, animais, plantas, o céu, as águas, o tempo e as entidades da espiritualidade. Os efeitos da

experiência-conhecimento, produzida sempre de forma colaborativa, se evidenciaram e ganharam especial relevância durante o período da pandemia de COVID-19, com destaque para os anos de 2020 a 2022, período no qual os encontros com mestres e mestras nos ajudaram a seguir, resistir, reinventar a vida, centralizar o pacto comunitário pelo cuidado coletivo e, mesmo com as distâncias, afirmar a presença.

Este resultado sugere a importância de insistir no alargamento do campo do sensível na produção de experiências: investir em ampliar horizontes e expandir repertórios, multiplicar encontros fronteiriços e invenções híbridas de nós mesmos, favorecendo processos de "auto-construção" de sujeitos mais inclinados à diversidade e mais disponíveis para a complexidade dos verdadeiros Encontros, que implicam em certa componibilidade dos Saberes – todos eles.

Dentro da experiência da pesquisa, o Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) promoveu, em 2019, sua aula Inaugural com as mestras do Encontro

de Saberes do Sul da Bahia: a Mestre Dona Maria da Glória de Jesus, do Saber Tradicional Tupinambá das Universidades UFMG e UNB e Claudia Silva Barbosa Aprendiz do Saber Tradicional Tupinambá, as duas especialistas em curas e tradição indígena. Maria da Glória, esposa do Pajé e mãe do Cacique da Aldeia Serra do Padeiro (BA), fez uma revelação que nos chamou a atenção:

Essa universidade está doente, muitas pessoas aqui dentro estão doentes, o anjo de guarda está fraco, é preciso que se faça uma limpeza para curar essa universidade, eu sinto isso aqui dentro (Maria da Glória - Aula Inaugural, 12 de março de 2019).

Ela também disse que, em 2016, os Encantados chegaram ao Pajé e avisaram que havia uma doença que viria de fora do Brasil, mas chegaria aqui, "doença braba". Avisaram que a aldeia tivesse muita cautela, muito cuidado e que plantasse sua comida, porque a situação ia ser muito difícil.

No ano seguinte, 2020, a aula inaugural seria com a mestra Luceli, sobre os saberes da Cura, também do Encontro de Saberes da UnB.

Entretanto, o ano nos reservava outros planos. Os anos de 2020 e 2021 foram períodos de muita incerteza e tristeza. Relembrar e reencontrar com os mestres, as mestras e seus conhecimentos foi, para muitos de nós, imprescindível, no processo de sobreviver, viver, resistir e atravessar esse período. A tecnologia remota das redes sociais e encontros virtuais, que muitas vezes se colocou como obstáculo aos encontros, nesse momento se tornou grande aliada, garantindo o isolamento físico sem impor um isolamento social. Durante esses dois anos, a UFRJ ofereceu de forma remota a disciplina Encontro de Saberes, tomando tais saberes como eixo de sustentação e cuidado com aqueles que, à distância, se sentiam e se faziam presentes e, em alguma medida, também curados.

Os anos seguintes foram tristes, assustadores, tempos de choro e de resistência. Nesse contexto, o que mais precisávamos era de cuidado mútuo. Foi assim que em 2022, encerrado o período de isolamento físico, constituímos um evento que chamados de Ciranda de Saberes e Cuidados.

O comitê organizador da Ciranda de Saberes assumiu uma prática contra-hegemônica, no sentido de demarcar, politicamente, a potência da universidade enquanto um lugar de produção de vida, sinalizando para as ações fundamentais de acolher e partilhar, que só se realizam em e a partir de um campo de saberes pluri-epistêmico (COSTA; CARVALHO, 2021). Para tanto, o coletivo se posicionou geopoliticamente, assumindo como diretriz uma Psicossociologia crítica latinoamericana, cujo campo de conhecimento volta-se para

a composição de saberes e tecnologias que venham ao encontro de problemas contextualizados e localizados na experiência dos países latinoamericanos, tanto em sua diversidade cultural e geopolítica, quanto em suas confluências enquanto povos colonizados (TAKEITI *et al.*, 2021, p. 3)

A Ciranda foi produzida em círculos temáticos, incluindo oficinas, apresentação de pesquisas e orientações coletivas. Compusemos uma equipe maior, que organizou o evento, a partir de nossas partilhas em diferentes campos de pesquisa.

Nos apresentando: Geraldo Bastos, doutorando do Programa EICOS, integrante do LabMems, e da equipe da pesquisa SOT; erveiro, atuante com oficinas de saberes ancestrais; Janete Baptista do Nascimento, Mestre pelo Programa EICOS, professora da Rede Municipal de Nova Iguaçu, integrante do LabMems, graduada em Letras (Português/ Literatura Brasileira), candomblecista, pesquisadora da sabedoria dos Itan, integrante da pesquisa SOT; Itamara Silva de Oliveira, Mameto de Inkice e Rezadeira na Casa Raíz do Bengue Ngola Djanga Ria Mutakalambo, assistente social, Mestre pelo Programa EICOS, integrante da equipe da pesquisa SOT e do LabMems; Eliana Ribeiro, Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pelo Programa EICOS, pós-doutoranda pelo mesmo programa, Historiadora, integrante dos grupos de pesquisa LabMems e Prajna, pesquisa performances descolonizadoras, integrante da pesquisa "universidade Pluriepistêmica", Margareth Alves Pontes-Doutoranda no Programa EICOS, Terapeuta Ocupacional,

Mestre em Saúde Coletiva - Universidad Americana – PY, integrante das pesquisas SOTe universidade Pluriepistêmica, e do LABMEMS; Samira Lima da Costa, professora do Departamento de Terapia Ocupacional (Faculdade de Medicina) e coordenadora do Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Instituto de Psicologia) da UFRJ. Coordena as pesquisas "Saberes e Ocupações Tradicionais" e "Universidade Pluriepistêmica", vinculadas ao seus grupos de pesquisa noCNPq: LabMems e Prajna. É pesquisadora do INCTI-UnB, compondo o conselho científico do Encontro de Saberes.

O evento Ciranda de Cuidados contou com muitas partilhas de especial de delicadeza. Tivemos atividades como "*Celebração e cuidados: Reexistência com ervas e palavras*", quando mulheres participantes de campos de pesquisa variados se organizaram para nos oferecer saberes de cura pelas ervas e promover uma ação de purificação; "*ação de ori: a porroca da orientação*" quando docentes apresentaram a discentes suas pesquisas, expuseram

suas fragilidades e pediram ajuda; "*práticas de cuidado e alegria*", quando estudantes ofereceram ao coletivo atividades de meditação e de brincadeiras.

Para este artigo, selecionamos apresentar um dos círculos que compuseram a Ciranda - a Roda "Celebração e cuidados: Reexistência com ervas e palavras". A compreensão referente à experiência da Ciranda e seu diálogo com o que temos estudado e produzido junto com as mestras e os mestres, serão aqui apresentados em forma de *rabiscos aos do outro lado*, expressão que escolhemos para dialogar com quem nos lê.

A escolha de relatar nossas impressões através de *rabiscos* surgiu da opção por assumir e manter a pluralidade de vozes dos integrantes da Ciranda de Saberes. A escrita é também um campo de disputas; nesse sentido, os rabiscos fazem frente às exigências de excelência da forma, e dão lugar à preciosidade do conteúdo - tão precioso quanto inacabado, em sua humildade de existir. Este recurso é uma alternativa ao esvaziamento subjetivo, à irrelevância e ao descarte de nossas biografias, características

da condição moderna da academia (Carvalho e Viana, 2020). Consideramos ser parte da descolonização da produção acadêmica a busca de novas formas de linguagem e comunicação, que permitam o diálogo entre distintos saberes e matrizes de racionalidades (COSTA; ALVES, 2017).

Rabiscos para plantar sonhos e cultivar vidas

De Samira às leitoras e leitores

A partir do meio do ano de 2022, o retorno presencial se tornou possível, e as feridas eram muitas. Eu, como professora, coordenadora e orientadora, me via como um colo insuficiente para tantas dores. Como falar de prazos, se para tantos a vida havia sido interrompida antes do fim? Como falar de conteúdos, se a vida estava sem forma e ao mesmo tempo apertada em estreitos contornos, durante tanto tempo? Como falar de cuidado com o outro, se a tristeza e o medo nos colocava em feridas abertas?

Era 2022. Ao mesmo tempo em que celebramos as vacinas e o retorno ao presencial, choramos a morte de uma professora do Programa, Marta

Pinheiro. Nossos corpos pareciam não dar conta de mais nenhuma perda, nenhuma morte - não cabia mais esse sofrimento. O cuidado se fazia necessário, de preferência, em um encontro que pudesse ser presencial. Então, convidei pessoas queridas - docentes, discentes, amizades de trilhas do cuidado, para pensarmos um evento que seria proposto por nosso Grupo de Pesquisa, o Laboratório de Memórias, Territórios e Ocupações: rastros sensíveis - LabMems. O grupo está vinculado ao Departamento de Terapia Ocupacional (Faculdade de Medicina) e ao Programa EICOS de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Instituto de Psicologia) da UFRJ.

Nos encontramos num bar do Campus da Praia vermelha. Sentamos em roda, entre choros, risos, abraços e cansaços - sentíamos pulsar nossa saudade e a necessidade de propor um encontro de cuidado, mobilizando comunidades amigas, participantes da pesquisa, estudantes, docentes... Todes. O convite foi ampliado a todos és estudantes, e extendida aos Grupos de Pesquisa "Prajna", "Diaspotics" e "Grupo de Pesquisa Micropolítica, Cuidado e Saúde Coletiva" (todos do

mesmo Programa), o encontro “Ciranda de Saberes: acolher, partilhar e produzir a vida a partir da experiência e prática de cuidados com mestras e mestres dos saberes tradicionais”.

O evento aconteceu em um cenário de tensões e incertezas, tanto pela experiência da pandemia do COVID-19 que, apesar da vacinação já em processo, ainda demandava uma série de cuidados, quanto pelo difícil momento político atravessado pelo país, com risco de consolidar e expandir por mais quatro anos o retrocesso em todos os campos, intolerância com a pluralidade de modos de ser e de viver, e nítida perseguição às universidades públicas, refletindo-se em violento corte de verbas e ataques à ciência. Este cenário derramou sobre o solo brasileiro, mais uma vez, muito suor e muitas lágrimas - ao mesmo tempo que mancharam a terra de tristeza, também indicavam que ali não haveria desistência. Foram muitas vidas ceifadas, muitas outras impedidas de existência livre e, pela própria conjuntura, muitas vidas de mãos e braços dados, no enfrentamento aos ataques e unidos pela vida. Foi assim

que viver, para muitos povos e saberes, se tornou sinônimo de resistir, ao longo de nossa história de país. Nesse momento ímpar, entre 2020 e 2022, mais uma vez se fez necessário retomar o que já sabíamos - produzir vida é sustentar a pluralidade da existência, contínua e ininterrupta.

Rabisco Ubuntu : Aos vivos, aos que já foram e aos que ainda irão chegar

De Geraldo aos leitores

Esse rabisco nasce a partir do encontro denominado **Ciranda dos Saberes** que realizamos na Casa da Ciência, com grupos de pesquisa do EICOS UFRJ. Nesse sentido, é um rabisco de muitas mãos, as mãos desses grupos, as mãos das rezadeiras e erveiras presentes, as mãos da professora Marta Pinheiro que, para nós do candomblé, retornou à massa de origem. É também um rabisco que fica para os que ainda irão nascer, aqueles para quem precisamos respeitar e preservar a vida e a beleza do mundo, em toda sua natureza. Portanto é um rabisco, no sentido da concepção Ubuntu, de uma humanidade que é vivenciada e

realizada com os outros. (KASHIND, 2003). Esse momento que me ensinou e inspirou a escrever tem sua gênese no aconselhamento ancestral de cuidados.

Logo no início da pandemia me lembrei da aula inaugural de 2019, quando a Mestra Maria Muniz

Tupinambá nos falou sobre a previsão dos encantados a respeito de uma doença que estava prestes a chegar. Para mim são os ancestrais que estavam dando orientações sobre a Covid 19.



Figura 1 aula inaugural 2019 - Campus/UFRJ/ Praia Vermelha (RJ).

Mesmo que a ciência cartesiana ainda esteja predominante nas universidades, já há um forte movimento do “novo pensar” de uma outra ciência nas universidades, que necessariamente não anula o que está escrito, mas considera também os ditos de outras ciências e da oralidade, e na oralidade todos falam, inclusive os não vivos. Djibril Tansir Niane nos traz um importante ensinamento: a língua escrita não pode ter o calor da voz humana. Todo mundo acredita conhecer, ao passo que o saber deve ser algo secreto. Os profetas não escreveram a sua palavra nem por isso é menos viva. Pobre conhecimento, esse que se encontra imutavelmente fixado nos livros mudos (NIANE, 1982, p, 65).



Figura 2 Ciranda dos Saberes 2022 - Casa da Ciencia/UFRJ/Urca(RJ)

O encontro na Casa da Ciência na Urca (RJ) em setembro de 2022, teve reza, benzedura e oficina de xarope comandada pelas erveiras Dona Deise e Débora com dezenas de ervas. Teve incenso, defumador, poesias da escritora Lírian Tabosa, e teve esperanças. A erveira Débora, que é filha de Oxossi e atua como liderança no Assentamento Rural de Campo Alegre (entre os municípios de Nova Iguaçu e Queimados), ao sentir e vibrar o espírito desencarnado da professora Marta Pinheiro na oficina, nos trouxe a percepção de visão africana sobre a morte/vida: Os bantu mortos, ou seja, os antepassados, têm um lugar privilegiado, pois estão acima dos vivos. Estes, por outro lado, recorrem aos primeiros para aumentar sua força vital (KASHIND, 2003).

Sentimos na pele a necessidade de aumentar essa força, o que a mestre Itamara, sacerdotisa de Angola (Keualombo) fez ao nos benzer com ramos e ervas sobre nossas cabeças. Certamente não resolveu ali todos os males, pois muitas curas ainda precisam ser feitas na universidade. Mas o encontro nos possibilitou pensar outras formas e caminhos epistemológicos. Como seguir pensando pesquisas, escritas, investigações, sem tomar como base o aspecto sutil que nos atravessa a todos e todas?

Com estas poucas palavras de reflexão, espero que este rabisco ubuntu traga ao leitor e à leitora uma abertura para pensarmos um ser/viver a partir da contribuição da cosmovisão africana. Ubuntu está ligado a outro

conceito que é o Muntu (pessoa). Os conceitos na cosmovisão africana não é algo que se fale, é o que se vive, é um modo de vida. É importante ressaltar que, na cosmovisão bantu, ser muntu ou umuntu é estar, de fato e em princípio, intrinsecamente ligado aos deveres e obrigações morais. Em outras palavras, ser muntu significa agir bem. Fazer o mal é perder o nosso ubuntu (o fato de ser umuntu). (KASHIND, 2003). Neste sentido, essas percepções me trazem questionamentos internos acerca da experiência de amorosidade vivida nesse encontro, na companhia dos que já foram, dos que estavam em nossa roda de conversa e dos que ainda irão chegar.

Rabisco Cantando para Encantar De Janete aos leitores e leitoras

Prezado leitor, prezada leitora: venho aqui por meio dessas mal traçadas linhas, lhes contar da experiência que vivenciamos com a Ciranda de Saberes e Cuidados ocorrida no espaço acadêmico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no ano de 2022, período pós pandêmico. Período esse que muito nos afetou, trazendo mortes,

fome, dores, e sofrimentos de diversas naturezas, inclusive no espaço acadêmico sentido por estudantes, docentes e funcionários. Chama-nos atenção os vários adoecimentos e a prática de suicídios. Percebemos então, que nossa Universidade está doente. A partir dessa percepção de corpos desencantos pela vida, SIMAS e RUFINO (2019), nos convida a refletir sobre o que ele chama de "contrato social vigente" em nossa sociedade, gerador de não vida.

No contrato social vigente, aquele edificado em detrimento de presenças e sabedorias múltiplas milenares, o racismo, a colonização, o capitalismo, o patriarcado, o consumo, o dogma religioso e jurídico nos distancia da vida. Nessa lógica vamos nutrindo nossa medíocre existência aniquilando o que há de vida em tudo e construindo civilização de assassinatos e escassez. (SIMAS; RUFINO, 2019, p. 61).

Nos sentimos impelidos a buscar na ancestralidade o acalanto para nossas dores e a energia para seguir em frente.

Iniciamos a Ciranda com a Sassanha, o encantamento das folhas. Ossain nos ensina que a folha tem

poder curativo, mas que também pode matar. Por isso é necessário cantar às folhas, encantá-las para que naquele momento elas pudessem cumprir com sua missão de cura e descarrego em nossos corpos e no ambiente acadêmico.

Na manhã desse dia pudemos nos abraçar e nos consolar pelo retorno à massa de origem da nossa querida professora Marta Pinheiro. A ancestralidade ali presente de forma visível e incorporada, nos mostrou que a vida desencarnada desse plano seguia em paz, mas sempre em sintonia conosco que ainda habitamos este plano.

O manejo com as folhas nos ensinou a importância de respeitar as individualidades, mesmo estando no coletivo cada pessoa precisa ser vista, respeitada e acolhida com suas particularidades e seus ewós (impedimentos).

As folhas são diversas, assim como diversos também são os saberes e o ser de cada um. A Universidade deveria por excelência ser o lugar onde as diversidades se encontram, multiplicam, se acolhem se potencializam. Para realizar a benzedura das pessoas e do espaço

foram colhidas diversas ervas, cada uma com sua potencialidade e finalidade.

Dentre as folhas ali dispostas havia uma que me causava desconforto, a arruda. A ancestralidade que vive em mim orienta que, para meu bem estar, as folhas da arruda sejam retiradas do conjunto de folhas que compõem o meu ritual de benzedura. E assim foi feito, a nossa Mestre e lalorixá Itamara, atendeu a orientação dada e não utilizou as folhas da arruda. Ossain me trouxe nesse momento um grande sinal de alerta, a permanência no espaço acadêmico não pode obrigar a todos a utilizar as mesmas folhas, as mesmas ferramentas, as mesmas metodologias. Ou seja, não é necessário a utilização de procedimentos que vão causar dor, sofrimento e mal estar ao outro. Existem muitas ervas na natureza, é possível fazer uso daquelas que promovam o nosso crescimento, intelectual, físico e emocional, assim como existem vários métodos, técnicas de pesquisa capazes de atender a múltiplas inteligências dentro da academia.

Trago aqui para nossa leitura e reflexão o Ítán de Ossaim que conta que Ele vivia na floresta com seu amigo e ajudante Aroni. Um dia Ossaim juntou vários tipos de folhas e as guardou em uma cabaça e pendurando-a em uma árvore. Porém, tal atitude despertou a curiosidade dos outros Orixás, então Xangô e Oya, criaram um plano para descobrir o que havia na cabaça que Ossaim guardava com tanto cuidado e segredo. Oya cantou e dançou chamando o vento, seu elemento de Axé, o vento veio quebrou o galho da árvore e a cabaça, espalhando as folhas. Os Orixás correram, cada um pegou uma folha e a tomou como sua. Porém, o conhecimento sobre a utilização das folhas ainda pertencia a Ossaim, só a Ele Olodumare (Deus) deu o poder de conhecer as folhas e o seu manuseio. Só Ossaim sabe acordar as folhas para que se tornem bálsamos que curam as mazelas da vida das pessoas. Mas, uma vez que as folhas já estavam em poder dos Orixás, Ossaim ensinou a cada um como utilizar suas folhas, ressaltando que, antes, uma saudação deverá sempre ser feita a Ele, para que a folha ganhe sacralidade e poder de cura. Esse Ítán

nos traz a beleza do compartilhamento de saberes, as folhas espalhadas pelos ventos, assim como os conhecimentos para serem potencializados, precisam ser cantados e encantados diariamente.

Eu termino essas linhas, saudando Ossaim:

EWE, EWE, OSSAIM!

Eu te saúdo pelo poder de nos despertar, nos curar e nos empoderar através de suas folhas sagradas!

Rabiscos sobre o bailar do salão à cozinha - cirandamos em todos os lugares **De Eliana àqueles e àqueles que nos lêem**

À você que lê este rabisco, desejo saúde e paz.

Rabiscar me ajuda a organizar as experiências da Ciranda de Saberes e, ao mesmo tempo, permite que eu as comunique a partir daquilo que realmente me afetou e que não mencionaria em uma escrita mais formal, por considerar que seria rotulada como “pouco científica”, “emocional”, “excessivamente subjetiva”. Ao reler minhas escritas, com frequência percebo que invisibilizo a origem negra do saber tradicional que me habita, e o mesmo

ocorreria aqui, se não fosse o recurso do rabisco - a liberdade de traçar escritas. Isso me sinalizou o quanto de racismo é preciso desconstruir.

A Ciranda marcou nosso reencontro presencial após um afastamento de dois anos e meio, em virtude da COVID-19. Eu estava feliz pelo encontro e triste pela partida a professora Marta. Sobre esta partida, me sentia particularmente mobilizada, pois estou naquele período tenso e esperançoso de remissão de um câncer, e aquela foi a primeira vez que lancei uma interrogação sobre minha cura, uma vez que Marta havia perdido a batalha para essa mesma doença. Tentava me equilibrar entre a felicidade do reencontro e a pequena porém insidiosa sensação de medo pela existência. Confesso que, por conta disso, esperava com certa ansiedade a chegada de Itamara, colega de Laboratório e Yalorixá, que nos benzeria com ervas.

Logo no início, durante a homenagem à professora Marta, uma das mestras que iria conduzir uma roda de conversas sobre ervas, incorporou, suavemente, uma entidade que nos trouxe notícias da saudosa professora.

Veja bem, você que lê este rabisco: incorporações não me são estranhas, pois alguns de meus familiares são praticantes da Umbanda. Mas aquele corpo expandido para outras categorias de tempo/espaço, demarcando um território onde poderíamos incluir as várias presenças, me deslocou! Sempre considerei as entidades de Umbanda; contudo, sempre tracei uma fronteira rígida entre esta espiritualidade e a academia.

Presenciar tal manifestação em um evento acadêmico e começar a sentir que se fazia uma ponte, começando a apontar uma cura à cisão que eu praticava, me emocionou. Confesso que tive dificuldade em me concentrar e acompanhar a primeira parte da roda de conversas sobre as ervas; sentia-lhes a textura, o aroma, mas estava pouco atenta às propriedades das mesmas, que estavam sendo referenciadas.

A experiência de um círculo onde, na prática, se apresentaram outras referências das dimensões afetivas, espirituais, comunitárias e ancestrais foi intensa! Ser benzida pela colega de pesquisa, mãe Itamara, foi um bálsamo! O aroma da arruda

remeteu-me à minha bisavó, também benzedeira. As fronteiras entre as leituras acadêmicas e o vivido tornaram-se mais fluidas.

Mas as grandes transformações acontecem, também, nas cozinhas, ao pé do fogo, transformando texturas, unindo sabores. Na cozinha do evento foi feito o xarope de ervas. Ali conversei com duas companheiras de laboratório de pesquisa, ambas iniciadas, uma no Candomblé e outra na Umbanda, que me descreveram, na medida do possível e permitido, seus processos com a espiritualidade. Creia, você que está lendo estes rabiscos: eu as ouvi com a mesma atenção com que leio Bell Hooks (2013) quando esta autora nos diz que a teoria é um bálsamo, e é capaz de curar.

Mesmo participando de um laboratório onde os saberes tradicionais são presentes nos debates e leituras, reconheço que ali estava uma episteme impossível de ser descrita de forma grafocêntrica. Era um conhecimento que se transmitia, também, pelo tom da voz, pelo acolhimento do olhar, pelo som do tacho no fogo, pelo perfume das ervas. O tacho onde fervia o xarope de ervas,

parte da programação da Roda, remeteu-me aos xaropes de guaco e chás de laranja-da-terra de minha infância. Pensava em todo o conhecimento de minha bisavó e avós, que simplesmente silencieei em mim, em nome de uma formatação que considerava mais adequada, tristemente mais branca.

Fez muito sentido uma expressão que ouvi da Samira, minha supervisora de pós doutorado, que considero um conceito a ser desenvolvido: o *corpo-nuvem*, que atravessa bloqueios físicos, supera distanciamentos, migra em deslocamentos existenciais. Quando ouvi, pela primeira vez, durante a pandemia, atribuí-lhe um sentido literal – a nuvem da web. Entendo agora esta outra qualidade corporal, que se expande no tempo/espço e permite um encontro com a ancestralidade, criando outros sentidos de temporalidade e espacialidade.

Enquanto rabisco, penso nas escritas de dissertações, teses, artigos, relatórios de pesquisa, que como lembra Grada Kilomba, *obscurecem potências* (2019), ocultam justamente esses “encontros na cozinha”, as falas mais intimistas, as

trocas mais intensas. Não posso deixar de sorrir quando lembro que a primeira reunião daquela que se tornaria a comissão organizadora da Ciranda de Saberes aconteceu em um bar, no campus - entre cervejas geladas e batatas fritas, entrelaçávamos nossas proposições para a realização do encontro, nossas memórias, nossas questões cotidianas. Não era de se admirar que, ali naquele bar, falando de pesquisas e cuidados, se encontrassem corpos pretos de muitos tons. Os saberes ancestrais de Itamara, Janete e Geraldo, vividos e expressos em suas pesquisas, formaram a base a partir da qual começamos a conversar sobre o desenho do encontro.

Comecei a refletir sobre debates e conversas. A argumentação e defesa de ideias, bem como as palestras, têm seu lugar e propósito na academia, sem dúvida. O que às vezes me parece perdido é o tempo/ espaço para o bom exercício coletivo da conversa, da escuta, como se a universidade não se concedesse tal momento para dar atenção e cuidado ao seu próprio corpo potente. É urgente, criarmos esses momentos de encontro com saberes tradicionais, em

um exercício político de cuidado nossa saúde.

Essa Roda convocou minhas memórias e ativou em mim um movimento que chamarei pelo conceito adinkra de *sankofa*: nunca é tarde para voltar e pegar o que ficou para trás. Muitos desdobramentos estão acontecendo, muitos movimentos iniciaram, mas isso contarei em outros rabiscos. Agradeço sua leitura e até a próxima correspondência.

Rabiscos sobre a sabedoria ancestral na arte de curar De mãe Itamara a quem nos lê

Queridos leitores e queridas leitoras, desejo a vocês maravilhosas energias do sol e da lua.

Venho por meio desta carta conversar com vocês sobre sabedoria ancestral, arte de curar através das rezas e benzimentos, memórias, cuidado costurando ponto a ponto nossas histórias nesta ciranda que é a vida.

Começarei tecendo como o aprendizado sobre rezas e benzimentos deixados por minha vó Silvia, transformou o meu ser. Minha Vovó Silvia era rezadeira, parteira e Mãe de Santo na Raiz Angola, tinha

muita sabedoria sobre ervas e rituais para curar. O que minha avó, mulher preta que criou seus filhos e netos sozinha, deixou para nós é um legado de acolhimento e cuidado uns com os outros.

Minha vida reflete um grande exemplo de como as nossas vidas estão envoltas pela ação das rezadeiras, sempre presentes, de alguma forma, especialmente na minha infância. São mulheres que conhecem várias orações e ritos que ajudam na cura de muitas pessoas e até de plantas e animais. A união de dois importantes elementos: a fé na ação das rezadeiras e a combinação de ervas contribuem para a cura de muitas pessoas, que, muitas vezes, não têm como recorrer à medicina convencional acadêmica.

As rezadeiras sempre tiveram papel muito importante junto à população preta pois, sem acesso à medicina convencional acadêmica, recorriam aos chás, garrafadas e ritos na busca da cura. Foram as rezadeiras que curaram, salvaram e perpetuaram a existência da população negra no Brasil. A elas cabe a importante tarefa de curar os males do corpo e do espírito. As rezas, os banhos, os chás

fazem parte dos elementos que utilizam para realizar sua grande missão, que é cuidar. São saberes passados por gerações através da oralidade, construindo lembranças e reafirmando suas identidades. Apesar de todas as tentativas contrárias, as rezadeiras têm resistido ao longo da nossa história, mulheres que trazem nessa ciranda da vida sua função social de preservação da vida e da cultura junto com a comunidade, reafirmando suas tradições e crenças e principalmente o respeito e a preservação do sagrado e das memórias.

Na dança desta ciranda das memórias estivemos juntos no encontro Ciranda dos Saberes e Cuidados na Casa da Ciência, em 2022, com o grupo de pesquisa junto ao qual eu havia acabado de concluir minha pesquisa de mestrado - sobre racismo e resistência das casas de candomblé.

O encontro se constituiu em uma ciranda de energias, levando conosco corpos doloridos e resistentes, carregando sofrimentos e enfrentamentos causados pela pandemia da covid 19. Levamos para esse espaço a reza, as velas, as

folhas, os benzimentos, o respeito e a união.

O espaço acadêmico tem um movimento grande de pessoas. São variadas energias circulando, muitos caminham só, corpos adoecidos por diversas dores que a vida impõe. A reza é um cuidado com o outro, a reza abraça, acolhe e diz que ali tem amor.

Neste espaço adoecido, a maior concentração é de energias em torno do discurso do "eu estou só" e da competição no clima de que "vence o melhor". Porém, ninguém sai da universidade do mesmo modo que entrou, exatamente por ser um ambiente com inúmeras possibilidades. Seguir o modelo individualista e competitivo é apenas uma das possibilidades, não é a única.

As diversas mudanças sociais ocorridas nos últimos anos relacionadas aos valores, ao avanço tecnológico e às transformações da vida em sociedade, como o aumento do isolamento social, a individualidade e a competitividade, são alguns fatores que influenciam na saúde mental da população como um todo. Os sentimentos de angústia, tristeza, saudade, a vontade de desistir, entre outros, estão presentes. Entretanto,

dadas as condições necessárias e facilitadoras de uma relação humana acolhedora, de cuidado entre os grupos e a universidade, é possível sair desta experiência positivamente transformado; mas também é possível sair morto.

Levar a reza para o espaço acadêmico nos serve de referência, preserva memórias e é relevante para nossa identidade e produção do cuidado.

Memória é uma palavra que nos veio do latim, preservando, em português, os dois sentidos fundamentais que possuía na origem. Memória, em primeiro lugar, é algo que não está em lugar algum, por que ocupa e preenche todos os lugares. É um substrato, repositório dos produtos de nosso passado que sobrevivem no presente, condição mesma do tempo presente. É a tramados vestígios oriundo de diferentes épocas e condições de produção, que constitui a espessura mesma daquilo que existe, como cristalização e permanência do que não morreu, daquilo que nos liga aos mortos na medida em que sobrevive no presente" (GUARINELLO, 1995, p. 187).

Conhecer a ancestralidade pode nos ajudar a compreender melhor quem somos, a entender com mais clareza nossas identidades, nossas

origens, nossas crenças e nossas culturas. Nos auxilia a compreender como nossas raízes nos influenciam.

Tecer cerzimentos e bordados entre a ancestralidade e a academia é sempre colocar um pouco de si, é confluir, é se reencantar e sonhar. Lembrando o Mestre Bispo, que esteve conosco em uma aula do Mestrado em 2018, "Vemos de forma circular, pensamos e agimos de forma circular e, para nós, não existe fim, sempre demos um jeito de recomeçar" (Santos, 2015).

A força da minha ancestralidade me mostra pequena, mas me permite fazer parte desse todo. Que o canto de Cristine TakuaMaxacali e seu tambor tragam esperanças, possibilidades de voltar a sonhar, a tecer junto, a dançar ao som do tambor e das maracas, para dali sim dialogar, criativa e afetivamente com os mestres, com os pares, com os encantados e a natureza que me cerca e da qual sou feita. Daqui parto, pedindo licença pra chegada, honrando minha ancestralidade, minhas raízes profundas que me possibilitam asas e reafirmando o título, talvez intuído de minha humilde, sigo em busca do aprendizado. Coragem.

É sobre confluir e transfluir com todos os habitantes do cosmo.

Rabiscos junto aos Encantados De Margareth para os Leitores e Leitoras

Prezados leitores

Nestes rabiscos partilho os ensinamentos sagrados com base na minha experiência pessoal, para que cada um possa conhecer um pouco deste universo para nós ainda subjetivo.

Primeiramente peço-lhes que abram seus corações para algumas experiências que irei relatar que merecem atenção, uma vida paralela que poucos conhecem: o mundo dos seres encantados e de saberes orgânicos.

Estudiosos de tais assuntos como Raymundo Heraldo Maués, Luiz Rufino, Mundicarmo Maria Rocha Ferretti, João Paulo Lima Barreto, dentre outros, nos contam que os encantados são seres invisíveis que vivem nas florestas e nas águas, que podem tanto ajudar como malignar os humanos. Podem possuir o corpo e a mente de uma pessoa e só são vistos pelos que têm uma "visão aberta" para

a espiritualidade. Querendo ou não, acreditando ou não, gostando ou não, estamos vinculados a estes seres não humanos através dos nossos ancestrais.

Ainda penso o quanto é primitiva, visceral e potente esta relação, estabelecida pelos nossos povos originários através das pajelanças e do consumo das ervas que possibilitam adquirir os seus saberes. Criou-se um caldeirão de saberes quando nossos irmãos africanos chegaram em nossa casa comum, com a colonização e a escravização. Fizeram de seus sofrimentos a base para a resistência, a existência e a produção da vida. Hoje, quando presencio uma reza, uma benzeção, um passe, uma dança, banhos e chás de ervas, me emociono por ainda presenciar a origem de minha vida.

A oportunidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ de realizar uma Ciranda de Saberes reunindo discentes, docentes e comunidade participante das pesquisas (pesquisadoras comunitárias, portanto) é algo extraordinário. É proporcionar o reencontro de mães e filhos. É poder

vivenciar saberes tradicionais. É um momento especial de união, acolhimento e cuidado, onde o bem-estar circula. Me traz uma recordação afetiva de minha infância quando ia com meus familiares para as sessões mediúnicas da umbanda chamadas pelo meu pai de curimba, a noite numa cabana no meio do mato no sítio do meu tio. Apesar de ficar assustada com as incorporações e com a mata, valia a pena, pois recebia carinho e cuidado de um primo mais velho que me carregava na 'carcunda' (sentada no ombro) durante todo trajeto de ida e volta pelo mato a dentro.

A oferta destes encontros de trocas de saberes nas universidades, proporcionam de certa forma uma aproximação com a nossa essência e com a natureza. Esta aproximação é algo necessário, quase que obrigatório para o desenvolvimento de futuros cientistas. Precisamos nos reconectar com o sagrado, com a natureza e com tudo que nela vive, sendo humanos ou não humanos. Acredito que só assim, construiremos uma ciência mais qualificada.

A Ciranda aconteceu porque já se havia iniciado um caminho sem volta: a entrada dos saberes

tradicionais na universidade é necessário e irreversível.

Em 2021, na disciplina remota do Encontro de Saberes, como estudante de doutorado tive a oportunidade de participar de uma aula ministrada por uma mãe de santo e foi visível o encantamento e interesse dos discentes, a começar pelas vestimentas e por todo o ritual. Eu fiquei surpresa ao assistir aquela aula, pois nunca havia presenciado tal evento numa universidade. Pensei nas pessoas que ali estavam e que nunca haviam visto uma mãe de santo com suas guias e roupas brancas. Fiquei a observar a reação das pessoas e para minha surpresa não presenciei nenhuma cara feia ou descontentamento. Acho importantíssimo o confronto de realidades para poder modelar novas epistememes.

Tudo que até agora foi narrado aqui, para alguns não passa de credices e folclore, no entanto para muitos como no interior do Amazonas é uma realidade. Lá os não-humanos vivem como os humanos com vontades, sensações, emoções e desejos. São respeitados por seus poderes de cura ou de maldades. Lá

existem outros mundos onde vegetais, animais, minerais e outros seres não humanos compartilham da mesma vida que temos, e por incrível que pareça, todos se entendem. Então lhes pergunto, o que nos distanciou dos diversos mundos existentes?

Saberes Tradicionais nos cuidados com o corpo potente da Universidade – fechar uma gira preparando para um recomeço

A perspectiva hegemônica da universidade brasileira pauta-se pela busca de um conhecimento especializado, precariamente assentado em ideais inalcançáveis de pureza, verdade e certeza. Elimina-se, assim, o desconhecido; a força motriz de todo processo de conhecer, Desse modo, elimina-se a vida, seus sinais e vestígios, criando um território de segurança e controle consubstanciado na palavra escrita, desencarnada, apartada de qualquer possível sinal de vitalidade, constituindo-se um ideal eurocentrado, egocentrado e grafocentrado de formação de escribas. As experiências e reflexões proporcionadas pela Ciranda mostraram-nos que a palavra escrita, caso fosse empregada em parâmetros

grafocêntricos_ excluindo as narrativas plurais de nossos corpos_ silenciaria a ampla gama de sentimentos e percepções que nos atravessaram durante a Ciranda.

A ampliação do horizonte epistêmico, com a inclusão de saberes até então considerados "outros", abarcando dimensões espaço-temporais mais sutis, convidaram a uma expansão de repertório e, concomitantemente, propiciaram aprofundamento de conceitos trabalhados na universidade, como pode ser lido nos rabiscos de Eliana que, citando Bell Hooks (op. cit) encontrou na experiência vivida durante a Ciranda um encontro unindo o teorizado e o vivido, permitindo-lhe refletir acerca de conceitos que vem desenvolvendo em sua pesquisa.

Fizemos deste artigo um bálsamo e uma reza forte, nos protegendo da competição e solidão ainda presentes na universidade, que são responsáveis pelo sofrimento mental e adoecimento físico de muitos de nós. A oportunidade de, através do encontro pluri-epistêmico, reencontrarmos o que sempre esteve ali, conosco: nossos corpos, histórias, nossos caminhos de pesquisa, foi um

alento e um acolhimento, convidando-nos ao cuidado e autocuidado.

Referências:

BARRETO, João Paulo; AZEVEDO, Dagoberto Lima; MAIA, Gabriel Sodré; SANTOS, Gilton Mendes dos; DIAS JR., Carlos Machado; BELO, Ernesto; BARRETO, João Rivelino Rezende; FRANÇA, Lorena. *Omerõ: constituição e circulação de conhecimentos yepamahsã (Tukano)*. Manaus: Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI)/Universidade Federal do Amazonas/EDUA, 2018.

CARVALHO, José Jorge de; VIANNA, Leticia C. R. O Encontro de Saberes nas Universidades. Uma síntese dos dez primeiros anos. *Revista Mundaú*, Universidade Federal de Alagoas, n. 9, p. 23- 49, 2020.

COSTA, Samira Lima da. Corpo-nuven. Comunicação pessoal, via Whatsapp, em 7 set. 2020.

COSTA, Samira Lima da; ALVES, Heliana Castro. Diálogos interepistêmicos: por uma Terapia Ocupacional de base alargada. *RevisbraTO*, Rio de Janeiro, v.1, n.5, p. 527- 532, 2017.

COSTA, Samira Lima da; CARVALHO, José Jorge de. Processos de transmissão: o ensino universitário e o encontro com mestras e mestres dos saberes tradicionais. In MONTEIRO, Ana Cláudia Lima (org.). *Processos psicológicos perspectivas situadas*. Niterói: Eduff, 2020.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. Lugares sagrados e encantaria maranhense. *Anais da 56ª Reunião*

Anual da SBPC - Cuiabá, MT - Julho/2004.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória coletiva e história científica. *Revista Brasileira de História*, v. 14, n. 28, p. 180-93, 1994.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*; estrutura da vida cotidiana. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir*: educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Maria da Glória de. "Tempo do quietai": recomendações de dona Maria da Glória de Jesus contra COVID-19. Disponível em: <https://narrativasindigenas.ensp.fiocruz.br/filme/tempo-do-quietai-recomendacoes-de-dona-maria-da-gloria-de-jesus-contra-covid-19/>. Acesso em: 01 mar. 2023

KASHINDI, Bosco Kakozi. Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva. *Cadernos IHU idéias*, São Leopoldo: Universidade do Vale dos Rio dos Sinos, ano 1, n. 1, 2003.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *A ilha encantada*: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. Belém: UFPA, 1990.

NIANE, Djibril Tamsir. 1982. *Sundjata ou epopéia mandinga*. São Paulo: Ática, 1982.

RODRIGUES, Maria Sueli. Somos religião e subjetividade. In: SANTOS, Antonio Bispo dos...[et al.]. *Quatro Cantos*. [v. I]. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCT/UnB, 2015.

SELVAGEM CICLO DE ESTUDOS.. Cristine Takuá no Selvagem Ciclo 2019. *Youtube*. 13 de nov. de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7hzJVxUOjc8> Acesso em: 15 mar. 2023.

SIMAS, Luis Antônio, RUFINO, Luiz. *Fogo no mato*. A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Flecha no Tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

TAKEITI, B., Costa, S. L., Pardo, C. R., Guerra, C. T. & Miranda, C; T. Psicossociologia desde America Latina. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 16, n. 2, p. 2-8, abr.-jun. 2021.